

II - APRENDER ATRAVÉS DA PESQUISA

Abdalaziz de Moura Xavier de Moraes. 2003.

Uma vez, no município de Tacaratu, um vaqueiro vinha tangendo um gado por cima de um lajedo coberto de macambira. Uma rês desviou-se das demais e ele para trazê-la de volta, pulou com o cavalo uma touceira de macambira e sentiu uma picada violenta na perna. Quando olhou para trás para ver o que era, viu uma cobra cascavel chocalhando no lugar que ele pulou com o cavalo. Mal deu tempo de chegar a casa e descer do cavalo, foi logo se deitando e contando para a esposa o acontecido. Foi perdendo a vista... A mulher correu para chamar os filhos e os vizinhos, que acenderam vela para orar, esperando a morte do vaqueiro. Quando chegou um compadre curioso e quis ver aonde a cobra havia mordido. A família mostrou a batata da perna avermelhada. Curioso, o compadre aproximou-se mais, pegou na perna, levantou, percebeu um sinal preto no lugar da picada, passou a unha, arrancou um espinho de macambira do lugar. Mostrando ao moribundo quase cego, disse: Olha aí quem te mordeu! Foi esse espinho de macambira, não a cobra!

O vaqueiro quando escutou a fala, conseguiu abrir os olhos e enxergar o espinho. Mal foi vendo o espinho, sua vista foi se recuperando, sentindo-se aliviado, olhou para os lados, levantou a cabeça, sentou-se e depois ficou de pé. Estava morrendo, mas foi de susto e de engano. Ninguém antes teve a curiosidade de pesquisar e observar o que era mesmo que tinha na perna. Era um espinho de macambira. A vida das pessoas está cheia de situações como a dessa história real. As pessoas enganam-se com facilidade por não pesquisar direito, por não examinar certos detalhes, por ficar só na primeira informação ou versão dos fatos. Conformam-se com as aparências, com o que o povo diz. Arriscam-se até a se conformar e morrer ou perder as esperanças de lutar, de ir mais fundo nas explicações, nos diagnósticos. Escutam muitas opiniões, mas não aprofundam, não vão às raízes.

Às vezes, acontece com algumas pessoas e comunidades, o que aconteceu com o vaqueiro. Pensam que não tem mais jeito, que estão mordidas pela pobreza,

pela falta de terra, pela falta de chuva, pela falta de renda, pela falta de dinheiro, pela falta de projeto do governo. Às vezes, não conseguem descobrir nem o que está incomodando, pensam que é uma coisa, uma mordida de cobra, mas pode ser um espinho. Diante dos problemas, perdem a força, a visão e se entregam ao desânimo, esperando a morte chegar.

Na comunidade, o papel de um líder, de um Agente de Desenvolvimento, de uma professora pode ser comparado ao do compadre que enxergou e tirou o espinho. Como o compadre, ela vai examinar mais a fundo a comunidade, para saber o que está incomodando, se é mordida de cobra, se é espinho de macambira. Para exercer esse papel, ela precisa ser curiosa, não se conformar com a situação que se apresenta. Vai se debruçar sobre a história da comunidade, vai pesquisar com os alunos e alunas, depois vai trazer esses conhecimentos para mostrar a quem está sofrendo e aos parentes e vizinhos, como o compadre fez com o vaqueiro. Aí, então, as pessoas vão descobrir os espinhos, as picadas que as incomodam, vão saber tirar esses espinhos. Para isso é preciso aprender a pesquisar. A pesquisa é o começo dessa estrada, é a primeira etapa dessa aventura.